



Iniciativas Pacíficas entre Palestinos e Judeus

Iniciativas Pacíficas Entre Palestinos y Judios

Peaceful Initiatives Between Palestians and Jews

Ricardo Zaslavsky

Resumo

Os conflitos entre Palestinos e Judeus vem ocorrendo há mais de 8 décadas e tem contribuído para o holocausto bélico do oriente médio. A grande mídia mundial sempre privilegiou a cobertura dos conflitos em detrimento das iniciativas pacíficas que existem entre esses dois povos. O trabalho traça um panorama atual das iniciativas pacíficas entre Palestinos e Judeus e faz um paralelo dessas iniciativas com a reciclagem intraconscional do autor no que concerne à superação do traço de belicismo e o leva a importante posicionamento proexológico sobre aspectos concernentes ao judaísmo. Através de três experiências pacíficas ilustradas nesse artigo, o autor levanta hipóteses sobre diretrizes com potencial de embasar o processo de pacificação entre partes em conflito.

Palavras-chave: Iniciativas pacíficas; reciclagem intraconscional; belicismo.

Abstract

The conflicts between Palestinians and Jews have been happening for more than 8 decades and have contributed to the bellicose thosene in the Middle East. The great world Media has always prioritized the journalistic coverage of conflicts instead of peaceful initiatives that exist between these two groups. This research brings current information about peaceful initiatives between Palestinians and Jews and establish a relationship between these initiatives and the intraconscional recycle of the author related to the overcoming of the trace of belicism and takes him to important proexological decisions about aspects related to Judaism. Through three peaceful initiatives brought in this article, the author formulates hypothesis about guidelines with the potential to embase the pacification process between to parts in conflict.

KEYWORDS: Peaceful initiatives; Intraconscional recycle; belicism.

Resumen

Los conflictos entre Palestinos y Judíos viene ocurriendo a más de 8 décadas y tiene contribuido para el holocausto bélico del oriente medio. La grande mídia mundial hay siempre privilegiado la cobertura de los conflictos con detrimento de las iniciativas pacíficas que existen entre estos dos pueblos. Éste trabajo es un panorama actual de las iniciativas pacíficas entre Palestinos y Judíos e hace un paralelo entre estas iniciativas con la reciclaje intraconscional do autor relativas à superación del aspecto de belicismo y o lleva a importante posicionamien-

to proexológico sobre otros relativos al judaísmo. A través de tres experiencias pacíficas presentes en el artículo, lo autor levanta las hipótesis sobre directrices con potencial de embazar el proceso de pacificación entre las partes en conflicto.

Palabras clave: *Iniciativas pacíficas; reciclaje intraconscencial; belicismo*

INTRODUÇÃO

Antecedentes Históricos

Há pelo menos 8 décadas, o mundo vem acompanhando a escalada de violência no território Israelense e nos chamados “territórios ocupados” (Cisjordânia e Faixa de Gaza) entre judeus e Palestinos. De um lado, judeus clamam o direito divino à terra baseado em textos bíblicos e clamam a necessidade de um lar nacional que pudesse receber judeus de todos os lugares do mundo como uma estratégia para acabar com as perseguições milenares sofridas por esse povo, as quais culminaram com o genocídio de mais de 6 milhões de judeus durante a segunda guerra mundial. Por outro lado, há alguns milênios, a região da atual Israel é ocupada pelo povo Palestino, o qual também clama o direito de permanecer lá em função de sua presença há muitos anos, levando ao estabelecimento de suas raízes familiares, sociais e profissionais.

Na segunda metade do século XIX, após algumas décadas de relativa paz para os judeus em alguns territórios europeus “autorizados” para habitarem e exercerem suas atividades, passou a ocorrer, gradativamente, o recrudescimento do sentimento antisemita na Europa. Esse recrudescimento veio acompanhado de crescentes manifestações populares contra os judeus em diversos países da Europa com um nível de violência também crescente. As perseguições desse período são chamadas de *pogroms*. Ao final do século XIX, um jornalista judeu de origem Austríaca, Theodor Herzl, publicou o livro “O Estado Judeu”, reforçando a ideia de que, para os judeus terem uma vida mais tranquila e menos submetida a perseguições étnico-raciais, seria importante que existisse um país judaico, com a soberania desse povo (HIRO, 2013, p.736-738). Assim, o movimento social nascido da ideia da necessidade de uma pátria judaica que os protegeria do flagelo das perseguições chamou-se Sionismo (HIRO, 2013, p.736-738), termo cunhado por Nathan Birnbaum (HIRO, 2013, p.736-738).

Ao final do século XIX, a Palestina pertencia ao Império Turco-Otomano, já em processo de decadência política (MAGNOLI, 2008, p.186-191). O número estimado de palestinos moradores dessa região era maior do que o número de judeus. Com o advento do sionismo, a imigração de judeus, especialmente provenientes do Leste Europeu (maior contingente judaico da época e com maior percentual de judeus em condição de pobreza) tornou-se crescente. Até meados da década de 1910, a relação entre judeus e palestinos era majoritariamente amigável e de cooperação mútua. Os primeiros conflitos abertos entre ambas etnias datam do início da década de 1920. A primeira tentativa de estabelecer a paz entre Palestinos e Judeus foi o acordo Faisal-Weizmann que teve resultados infrutíferos (MAGNOLI, 2008, p.197).

No período entre guerras, a Palestina, então protetorado Britânico, era local de instabilidade política e social. O Império Britânico possuía estratégia ambivalente no que concernia ao apoio político às respectivas etnias em conflito. Apoiou a criação de um estado judaico através da chamada

“Declaração Balfour” (proferida por Lorde Balfour), mas também apoiou estado Palestino através das chamadas “Cartas McMahon” (escrita por Lorde McMahon) (MAGNOLI, 2008, p.191-194).

À medida que os judeus imigravam para a Palestina, compravam terras, arrendavam-nas e contratavam apenas a judeus. Com isso, paralelamente ao crescimento populacional de judeus nas décadas de 1920 e 1930 em função da fuga do antissemitismo e da ascensão do nazi-fascismo na Europa, houve elevação do desemprego com desapropriação de terras dos palestinos. Nos anos de 1945 a 1948, período entre o fim da segunda guerra mundial e a proclamação do estado de Israel, a população de judeus já era maior que a população de palestinos.

Em 1948, o governo Britânico declarou que faria a retirada de suas tropas da Palestina, abdicando do controle político-militar dessa região. No dia seguinte à saída oficial do governo Britânico, dia 13 de Maio de 1948, a liderança judaica, tendo à frente David Ben Gurion, declarou independência do estado de Israel. Desde a declaração da independência, Israel, o povo palestino e os diversos países do Oriente Médio têm estado envolvidos em diversos conflitos armados que, guardadas as peculiaridades do contexto de cada um deles, tem como eixo reivindicador o direito à terra e aos recursos existentes nela. Desde essa época, em nenhum momento os povos que lá habitam ficaram completamente livres de conflito, mas alguns momentos de agudização desses a história faz registro (TABELA 1) (MAGNOLI, 2006, p.425-452).

CONFLITO	ANO
Guerra de independência	1948-1949
Crise do canal de Suez	1956
Guerra dos seis dias	1967
Guerra do YomKipur	1973
Primeira Guerra do Líbano	1982
Primeira Intifada	1987
Segunda Intifada	2000
Segunda Guerra do Líbano	2006
Diversas operações militares ocorridas na Cisjordânia e na Faixa de Gaza.	Entre 2000 e 2014

PANORAMA ATUAL DAS INICIATIVAS PACÍFICAS

Com tantos conflitos ocorrendo nessa região do planeta e com a cobertura jornalística mundial priorizando a cobertura da guerra e dos horrores cometidos entre judeus e palestinos, a minoria da população mundial tem conhecimento de que, paralelamente às iniciativas belicistas entre esses povos, vem florescendo, desde a década de 1970, inúmeras iniciativas pacifistas entre eles.

Há muito já se sabe que a existência de conflito armado entre judeus e palestinos não é um consenso nem entre judeus e nem entre palestinos e que uma parcela significativa da população é favorável à coexistência pacífica. Diversas iniciativas vêm ocorrendo tanto em território Israelense quanto nos territórios ocupados nas áreas da saúde, da educação, cultura e mídia, comércio, indústria, meio ambiente, religião, desenvolvimento sustentável e recursos naturais, apoio às vítimas da guerra, movimentos populares, entre outros.

Panorama Autopesquisológico

Nasci em família judia em Porto Alegre, RS, em 1979. Conheci a Conscienciologia aos 14 anos em 1993. Frequentei alguns cursos até que me tornei voluntário em 2004 e docente em 2006. Desde desse período, grande parcela do trabalho de autopesquisa realizado por mim envolveu o entendimento e superação do sentimento de agressividade. Esse trabalho foi e vem sendo realizado tanto em nível de cursos diversos realizados junto a Instituições Conscienciocêntricas (ICs), Consciencioterapia ou Terapia dentro do Paradigma Convencional. A manifestação agressiva em mim nunca chegou a níveis que comprometessem gravemente minha integridade ou a integridade de outras pessoas. As principais manifestações eram a ruminação mental, a baixa tolerância a frustrações, necessidade de impor minhas ideias sobre às outras pessoas, dificuldade de estabelecer diálogos sobre temas importantes e difíceis com receio de que pudessem tornar-se momentos de conflitos abertos e, por fim, eventuais “explosões” de comportamento em que gritava muito com pessoas de meu convívio levando a intensos sentimentos de culpa após esses acontecimentos.

Ao analisar ao longo do tempo esses traços conscienciais e a situação de conflito no oriente médio, passei a ter algumas reflexões a esse respeito. Mesmo vindo de uma família judaica não praticante do judaísmo, com pouca inserção na comunidade judaica local e sem identificação com a ideologia sionista, tive uma **primeira reflexão** (*insight*) importante para mim: o que ocorria comigo como consciência (a agressividade), se ampliado ao tamanho de uma população, era o mesmo que estava ocorrendo no oriente médio. Assim, havia uma semelhança entre os meus traços conscienciais e a situação política do oriente médio, haja visto que a situação política lá é o somatório da situação consciencial de todos os membros da população. Com a percepção dessa semelhança, veio a **segunda importante reflexão**: se existe um paralelo entre minha condição consciencial e a condição política do oriente médio, caso existissem iniciativas pacíficas entre judeus e palestinos, o quanto eu poderia aprender com eles e reciclar esse traço de agressividade? Passei a me questionar quais seriam os princípios e as bases do estabelecimento de uma relação pacífica entre partes em conflito. E por, fim, uma **terceira reflexão** ocorreu: se conhecer estratégias sociais de estabelecimento de uma relação pacífica pode contribuir para a pacificação íntima, então conhecer as estratégias de pacificação íntima podem contribuir para o estabelecimento de relações pacíficas entre grupos em conflito (nesse caso a consciência na condição de líder interassistencial)?

A paz sempre é possível, mesmo que ela pareça improvável. A relação entre palestinos e judeus é uma dessas situações. As diversas iniciativas pacíficas entre palestinos e judeus existentes hoje e pouco divulgadas pela mídia é uma fonte importante de energia e de motivação para a inserção do autopesquisador no protagonismo do processo da paz, seja com seus familiares nucleares seja em um grupo mais amplo ou apenas consigo mesmo.

Objetivo Geral

- Traçar um panorama atual das iniciativas pacíficas entre palestinos e judeus existentes hoje em dia em Israel e nos territórios ocupados.

Objetivos Específicos

- Estabelecer correlação entre a situação holopensênica do oriente médio e os traços conscienciais a serem autopesquisados por parte desse pesquisador.
- Evidenciar as reciclagens pensênicas feitas até o momento quanto à condição de ser judeu e ao judaísmo por parte desse autopesquisador.
- Refletir sobre os principais mecanismos conscienciais que embasam o processo de pacificação de partes em conflito.
- Evidenciar a necessidade de posicionamentos pessoais como pré-requisito para o protagonismo de processo de paz.

METODOLOGIA

O início dessa pesquisa ocorreu por mera curiosidade. Por gostar muito das palestras veiculadas no site *Ted Talks* (TED TALKS, 2014), assisti a conferência, dentro da temática da paz, de uma jornalista Brasileira de origem Libanesa radicada nos Estados Unidos chamada Julia Bacha. O título de sua conferência era *Pay attention to Non violence*. Julia é uma das diretoras de uma Organização Não-Governamental (ONG) chamada *Just Vision* (JUST VISION, 2014) que tem como principal objetivo a divulgação das iniciativas pacíficas entre Palestinos e Judeus, o que não costuma ser divulgado pela grande mídia. Essa ONG registra essas iniciativas e produz filmes que são distribuídos no mundo todo e concorrem em grandes festivais. Normalmente, os filmes ilustram, não apenas iniciativas pacíficas, mas também registram histórias de pessoas altamente posicionadas em favor de um dos lados e que, ao longo do processo, vão tendo uma percepção mais ampla e passam a se identificar com causas mais pacíficas.

Após esse contato, passei a investigar essas iniciativas. Tive grande surpresa quando percebi que existem mais de 150 iniciativas que ocorrem em território Israelense e nos territórios ocupados nas mais diversas áreas de conhecimento e de atuação como já citado anteriormente. O autoquestionamento, nesse momento, foi inequívoco: por que não são divulgadas com a mesma intensidade com que os conflitos são? A quem interessa esconder essa realidade pacifista? O que aconteceria se grande número de pessoas ao redor do mundo passassem a saber da existência delas? Que tipo de pressão holopensênica os protagonistas dessas iniciativas precisam suportar? Existe alguma contribuição do governo Israelense para que elas ocorram?

Por haver muitas iniciativas, foge do escopo desse trabalho descrever todas elas. Assim, foram selecionadas 3 experiências pacíficas para descrição um pouco mais detalhada. Foram usados os seguintes critérios respectivamente: abrangência mundial das ações, a iniciativa ocorrer na área de atuação do autor desse artigo e a intensidade da assistência em nível emocional da iniciativa.

1. *Just Vision* (JUST VISION, 2014). Essa instituição, atualmente, possui sede em Jerusalém e em Washington. É formada por diversas pessoas de diversas etnias e locais do mundo e com as mais diversas formações profissionais, entre elas ativistas de direitos humanos, diretores de cinema, *experts*

em resolução de conflitos e jornalistas. Suas principais obras, até o momento, foram os filmes: *Budrus*, *My Neighbourhood*, *Encounter Point* e *Home Front*. Para fins de ilustração para esse artigo, será descrito apenas um dos filmes. O filme *Budrus* foi vencedor de 3 festivais internacionais de cinema e mostra a realidade dos moradores de um vilarejo na Cisjordânia homônima ao filme quando o governo Israelense decide que o muro que divide Israel da Cisjordânia iria passar em cima do pomar de Oliveiras, essencial para a subsistência do vilarejo e que, para isso, as oliveiras deveriam ser destruídas. A população organizou-se em manifestações pacíficas com lideranças locais para impedir que isso ocorresse. Com o tempo, líderes de movimentos populares Israelenses, judeus, contrários à ocupação desses territórios, se juntaram ao movimento pacifista de forma que esse passou a se caracterizar como um movimento conjunto entre Palestinos e Judeus. Ainda que tenha havido raros momentos de conflito, o resultado final foi o desvio, por parte do governo Israelense, da construção do muro, poupando as oliveiras do vilarejo. Essa parceria de lideranças sociais judaicas e palestinas foi registrada no filme. A instituição disponibiliza ainda versões de seus filmes adaptadas para que os temas da paz entre Israel e a Palestina possam ser trabalhadas, de forma problematizadora, em sala de aula na aula de história. As próprias pessoas que estiveram presentes nas manifestações participam de *Talk-shows* em vários locais do mundo e muitos passaram, após várias mudanças conscienciais, a serem ativistas pela paz junto com a instituição.

2. *United Hatzalah of Israel* (UNITED HATZALAH, 2014). O nome da instituição, em português, significa, “resgate unificado em Israel”. Fundada por Eli Beer, judeu, morador de Jerusalém ocidental (parte judaica), a instituição nasceu na ideia de suprir a demanda por um atendimento de urgência de qualidade, pois as ambulâncias, quando eram acionadas em Jerusalém, demoravam em torno de 30 minutos para chegar ao local da emergência gerando alta mortalidade. Inicialmente, a organização contava com voluntários dos diversos bairros de Jerusalém em que, quando havia emergência, no momento em que a ambulância saía, era acionado o voluntario do bairro para começar a prestar um socorro mais imediato. Com o tempo, o serviço foi incorporado ao serviço oficial de emergências do município. Os moradores da parte árabe de Jerusalém fizeram contato com Eli Beer para aventar a possibilidade de implantar esse serviço em Jerusalém Oriental (parte árabe). Com o tempo, o serviço passou a existir em toda a cidade e contar com socorristas Palestinos e Judeus. A instituição coleciona diversas histórias de socorristas Palestinos responsáveis por salvar a vida de Judeus ortodoxos e que passaram a ver os Palestinos com outros olhos e de Judeus que salvaram a vida de Palestinos, tendo assim o mesmo efeito. O serviço é bem recebido em qualquer parte da cidade em que ele é chamado. Existe tamanha relação de respeito entre os que trabalham lá e são de religiões diferentes que em dias de feriados sagrados Árabes, apenas os judeus trabalham, inclusive prestando socorro no bairro árabe e vice-versa. O lema da instituição é: *We save lives together hand in and because when a life is in danger differences ceases to exist* (“Nós salvamos vidas juntos de mãos dadas, pois quando uma vida está em perigo, as diferenças deixam de existir”).

3. *Palestinian Israeli Bereaved Families for Peace* (PARENTS CIRCLE, 2014). O nome da instituição em Português significa “Famílias enlutadas Palestinas e Israelenses pela Paz”. Também é chamada

de *The Parents Circle-Family fórum-PCCF* (“Fórum do círculo de pais e famílias”). Fundada em 1995, a instituição hoje é composta por mais de 600 famílias entre famílias Judias e Palestinas que tem, pelo menos, um aspecto em comum: a perda de um ou mais familiares como resultado do conflito prolongado no oriente médio. Esse encontro traz à tona um dos aspectos mais importantes dentro do processo de reconciliação: a ideia de que ambas partes passam pelas mesmas dificuldades e o reconhecimento de ambas partes desse fato é importante fator humanizador do outro, o que leva à redução das atitudes violentas e a possibilidade de apoio mútuo na superação da dor pela perda de familiares. Outro aspecto eliciado pela instituição no processo de construção da paz é o fato de que as pessoas que ali estão e que são representantes do outro grupo não são os responsáveis direto pela morte de seus familiares, permitindo, assim, construir a ideia de que não é a totalidade das pessoas do outro grupo que está envolvido em atos violentos. Há pessoas no “outro lado” também favoráveis ao fim da violência. Participam de atividades educativas, debates públicos e de programas na mídia para divulgar seu trabalho. Suas atividades já foram registradas em um filme da instituição *Just Vision* chamado *Encounter Point* e outro filme chamado *Two-sided story*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo das iniciativas pacíficas entre Palestinos e Judeus traz à tona a ideia de que, em um processo de reconciliação e de pacificação entre partes em conflito, há uma pergunta que **não** deve ser feita: “Quem é o culpado?”. Quais os problemas em fazer essa pergunta em um contexto como esse? A ideia de culpado traz em si a ideia de que também há inocente. E se há culpados e inocentes, há partes “certas” e “erradas”. Todas essas ideias são a base para a tomada de partido em um conflito e a tomada de partido é o ponto de partida para as ações beligerantes. Dessa forma, em um conflito crônico como é o caso do conflito Israel-Palestina (mas que também é o caso de muitos conflitos interconscenciais em outros contextos ao redor do mundo), perde-se a ideia de culpado e inocente. Ambas as partes já foram vítimas de atos hostis da outra parte, impedindo, assim, a construção da ideia de culpado e inocente, tornando infrutífera a realização de tal pergunta se a intenção for resolver o conflito.

Outro ponto importante nessa discussão envolve o papel da intergeracionalidade (CERVENY, 2011, p. XIII-XVI) na resolução ou na intensificação dos conflitos. O termo intergeracionalidade está relacionado à herança, em uma família, ao longo das gerações, de traços de personalidade, hábitos, comportamentos, atitudes e outras formas de heranças de padrão que se repetem ao longo das gerações em um grupo familiar. Vamos tomar como exemplo a geração que sobreviveu ao Holocausto e participou da independência do estado de Israel. A educação dessas pessoas ocorreu permeada de medo e mágoas devido às perseguições milenares contra os judeus. Os filhos dessa geração eram adultos na época da guerra dos seis dias. Assim, receberam de suas famílias esses sentimentos negativos intergeracionais, mas, por viverem eles mesmos em contexto de guerra, esse contexto pode ter adicionado mágoa, medo e ressentimento para além de sua educação familiar. Os filhos dessas pessoas eram adultos na época da primeira guerra contra o Líbano. Assim o mesmo efeito intergeracional pode ter

ocorrido. Dessa forma, tomando como base o conflito, o medo e a mágoa, a tendência da intergeracionalidade é exercer um efeito nas gerações futuras de forma a construir, cumulativamente, cada vez mais gerações ressentidas, raivosas e magoadas.

No entanto, se as iniciativas pacíficas são tomadas como base, a tendência é a de que, intergeracionalmente, as gerações futuras vão, cada vez mais, acumular menos ódio e mais tolerância com as pessoas, independentemente de que cultura fazem parte. Esse é hipótese levantada com esse trabalho sobre o futuro das relações interconscienciais no oriente médio.

Do ponto de vista da história de vida desse autopesquisador, cabem aqui algumas questões: qual a repercussão desse estudo e dessas informações na minha vida? Foram capazes de modificar entendimentos e posturas perante a vida, especialmente por ter nascido, nessa vida, como judeu? O que desses estudos levo para as minhas reconciliações e para o meu papel enquanto protagonista da paz independentemente do contexto em que estiver? Nesse contexto, alguns posicionamentos são necessários para que certas posturas anacrônicas sejam superadas, todas elas relacionadas com a prática religiosa, para que, com isso, o protagonismo dentro dos processos de paz possam se intensificar:

1. Os posicionamentos contrários às ações e políticas de Israel não devem ser entendidos como manifestações de antissemitismo.

2. Contrariamente, os posicionamentos favoráveis às ações e políticas de Israel não devem ser entendidos como manifestações de sionismo.

3. Por ser Médico de Família e Terapeuta Sistêmico de Família, entendo que a transição mais funcional da infância para a adultidade é através de um processo gradual que é a adolescência, e não repentinamente receber o *status* de adulto aos 12 ou 13 anos. Com essa idade, nenhuma pessoa está em condições de exercer plenamente a adultidade.

4. Mesmo que os judeus tenham sido vitimizados milhares de vezes ao longo de sua história, culminando com o Holocausto e mesmo que minha própria família tenha sido flagelada nesse processo, não sinto a necessidade de receber qualquer tipo de ganho, privilégio, abono ou consolação por ter nascido dentro da cultura que foi vítima dessa barbárie.

5. Por estar fazendo parte do contexto da Conscienciologia, entendo que o parapsiquismo é uma ferramenta importante para a evolução. Contudo, deve ser salientado que ela deve ser de acesso público para todos os interessados, e não apenas para pessoas “iniciadas” ou com restrições de gênero.

6. Por fim, não me sinto incondicionalmente conectado a qualquer tipo de cultura, mesmo que tenha nascido de um “ventre” dela. As culturas nas quais participo são todas por livre-arbítrio e não impostas.

Com essa reflexão, ocorrida ao longo dessa pesquisa, não nego as contribuições positivas do judaísmo. Um exemplo muito evidente é o investimento na intelectualidade e na busca por novos conhecimentos, típicas do judaísmo. Contudo, ao fazer essas 6 pontuações acima, esse pesquisador constrói para si mesmo um espaço de atuação consciencial menos opressor em que as ideias já não estão mais tão permeadas de conhecimentos doutrinários e deveres assumidos independentemente da

vontade consciencial. A capacidade de construir para si próprio espaços de atuação consciencial mais amplos são o ponto de partida para o acesso mais intenso às ideias originais. E esse acesso permite a inserção maior da consciência no protagonismo do processo de paz.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o processo de pacificação íntima guarda importantes conexões com o processo de pacificação mesológica. Além disso, o exercício do protagonismo dos processos de paz requer que a consciência abra mão da ideia de inocente e culpado sem “colocar panos quentes” em nenhum lado do conflito e que se tomem os devidos posicionamentos pessoais para ampliar o espaço de atuação da consciência de maneira a permitir acesso mais direto às ideias inatas propulsoras e catalizadoras do protagonismo da paz.

REFERÊNCIAS

1. CERVENY, CMO. *Intergeracionalidade: Heranças na Produção do Conhecimento*. Editora Roca. 1ª Edição. São Paulo, SP. 2011.
2. HIRO, D. A. *Comprehensive Dictionary of the Middle East*. Olive Branch Press. Northampton, Massachussets, USA. 2013.
3. JUST VISION. Disponível em: <<http://www.justvision.org>>. Acessado em 30 de Novembro de 2014.
4. MAGNOLI, D. *Histórias da Paz*. Editora Contexto. 2ª edição. 1ª reimpressão. São Paulo, SP. 2008.
5. MAGNOLI, D. *Histórias das Guerras*. Editora Contexto. 3ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo, SP. 2006.
6. PALESTINIANS ISRAELI BEREAVED FAMILIES FOR PEACE. Disponível em: <<http://www.theparentscircle.org>>. Acessado em 30 de Novembro de 2014.
7. TED TALKS. Disponível em: <<http://www.ted.com>>. Acessado em 30 de Novembro de 2014.
8. UNITED HATZALAH OF ISRAEL. Disponível em: <<http://israelrescue.org>>. Acessado em 30 de Novembro de 2014.

Ricardo Zaslavsky, graduado em Medicina; especialista em Terapia Sistêmica de Família e Casal; voluntário da Conscienciologia desde 2004; verbetógrafo da Enciclopédia da Conscienciologia.

Email: ricardo_zaz@yahoo.com.br